

Jornal da UFRGS UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Universidade

• Gerd Bornheim • José Paulo Bisol • Jorge Gerdau
Johannpeter • Lya Luft • Flavio Del Mese • Vitor Ramil •
Flávio Fava Moraes • Boaventura de Souza Santos •
Gilberto Schwartzmann • Ruben Oliven • Sérgio Adorno •
Milton Formoso • Miguel Murmis • Daniel Herz • Eduardo
Corsetti • Jefferson Barros • Maria Helena Weber • Jorge
Brovetto • Xico Stockinger • Alberto André • Rodolfo Pinto
da Luz • José Saramago • Carlos Alexandre Netto • Hugo
Juri • Ruy Carlos Ostermann • Octávio Ianni • Jader Nunes
de Oliveira • Barbosa Lessa • Roman Maiorga • Ubaldo
Zuñiga • Eva Sopher • Miguel Rojas Mix • Lauro Mohry • Jair
Krischke • Gonçalo Guimarães • Carlos Rodrigues
Brandão • Wrana Maria Panizzi • Cida Moreira • Antonio
Carlos Borges Cunha • Luis Miranda • Nelson Boeira • Tarso
Genro • Lúcio Kowarick • Reinaldo Guimarães • Mauro
Knijnik • Andrew Simpson • Francisco Mauro Salzano • Leo
Hartmann • Maria Inês Schmidt • Carlos Tucci • Evgen
Bavcar • Evandro Mirra • Armino Trevisan • Noam
Chomsky • Luiz Oswaldo Leite • Carlos Roberto
Santos • Marco Antonio R. Dias • Gabriel Macaya
Trejos • Renato Janine Ribeiro • Rafael Guarga • Anthony
Garotinho • Ciro Gomes • José Serra • Luiz Inácio Lula da
Silva • Sérgio Ferreira • Cristóvam Buarque • Roberto
Amaral • Luiz Fernando de Abreu Cybis • João Luiz
Becker • José Vicente Tavares dos Santos • Renato Machado
de Brito • O Que É A Paz? • Paulo Vinentini • Sérgio
Rezende • Marcel Bursztyn • Dilvo Ristoff • Ana Lúcia
Almeida Gazzola • Zuenir Ventura • Ennio Candotti •

Entrevistas

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Reitora

Wrana Maria Panizzi

Vice-Reitor

José Carlos Ferraz Hennemann

Jornal da Universidade

Clóvis Ott

Editor-Chefe

Ida Stigger

Editora Executiva

**Jornal da**
Universidade

•Gerd Bornheim•José Paulo Bisol•Jorge Gerdau
Johannpeter•Lya Luft•Flavio Del Mese•Vitor Ramil.
Flávio Fava Moraes•Boaventura de Souza Santos.
Gilberto Schwartzmann•Ruben Oliven•Sérgio Adorno.
Milton Formoso•Miguel Murmis •Daniel
Herz•Eduardo Corsetti•Jefferson Barros•Maria Helena
Weber•Jorge Brovetto•Xico Stockinger•Alberto
André•Rodolfo Pinto da Luz •José Saramago•Carlos
Alexandre Netto•Hugo Juri•Ruy Carlos Ostermann.
Octávio Ianni•Jader Nunes de Oliveira•Barbosa
Lessa•Roman Maiorga•Ubaldo
Zuñiga•Eva•Sopher•Miguel Rojas Mix•Lauro
Mohry•Jair Krischke•Gonçalo Guimarães•Carlos
Rodrigues Brandão•Wrana Maria Panizzi•Cida
Moreira•Antonio Carlos Borges Cunha•Luis
Miranda•Nelson Boeira•Tarso Genro•Lúcio
Kowarick•Reinaldo Guimarães•Mauro Knijnik•Andrew
Simpson•Francisco Mauro Salzano•Leo
Hartmann•Maria Inês Schmidt•Carlos Tucci•Evgen
Bavcar•Evandro Mirra•Armindo Trevisan•Noam
Chomsky•Luiz Oswaldo Leite•Carlos Roberto
Santos•Marco Antonio Dias•Gabriel Macaya
Trejos•Renato Janine Ribeiro•Rafael Guarga•Anthony
Garotinho•Ciro Gomes•José Serra•Luiz Inácio Lula da
Silva•Sérgio Ferreira•Cristóvam Buarque•Roberto
Amaral•Luiz Fernando de Abreu Cybis•João Luiz
Becker•José Vicente Tavares dos Santos•Renato Machado
de Brito•O Que É A Paz?•Paulo Vizentini•Sérgio
Rezende•Marcel Bursztyn•Dilvo Ristoff•Ana Lúcia
Almeida Gazzola •Zuenir Ventura •Ennio Candotti •

Entrevistas

© Universidade Federal do Rio Grande do Sul
1ª edição: 2004

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Rosâne Vieira
Revisão: Ida Stigger e Flavia Boni Licht
Projeto gráfico e editoração eletrônica: Rosâne Vieira
Fotografia: Cibele Vieira, Daniela Picoral, Patrícia Haubert,
Reni Jardim e Ricardo Andrade.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadoria de Comunicação Social

Entrevistas / Jornal da Universidade. - Porto Alegre : UFRGS, 2004

Apresentação de Wrana Maria Panizzi

1. Jornalismo - Entrevista. 2. Cultura - Intelectuais - Entrevista.
I. Jornal da Universidade UFRGS. II. Panizzi, Wrana Maria. III. Ott, Clovis.
IV. Título.

CDU 07
008

Catálogo na publicação: Biblioteca Central da UFRGS

Sumário

Apresentação / 6	414 / Lúcio Kowarick
Gerd Bornheim / 8	424 / Reinaldo Guimarães
José Paulo Bisol / 18	436 / Mauro Knijnik
Jorge Gerdau Johannpeter / 30	450 / Andrew Simpson
Lya Luft / 40	460 / Francisco Salzano
Flávio Del Mese / 52	460 / Léo Afraneo Hartmann
Vitor Ramil / 62	472 / Maria Inês Schmidt
Flávio Fava de Moraes / 74	478 / Carlos Tucci
Boaventura de Souza Santos / 84	482 / Evgen Bavcar
Gilberto Schwartzmann / 96	496 / Evandro Mirra
Ruben Oliven / 102	506 / Armindo Trevisan
Sérgio Adorno / 114	516 / Mesa Redonda
Milton Formoso / 128	532 / Noam Chomsky
Miguel Murmis / 138	540 / Luiz Osvaldo Leite
Maria Helena Weber / 150	550 / Carlos Roberto A. dos Santos
Daniel Herz / 150	558 / Marco Antonio R. Dias
Eduardo Corsetti / 150	574 / Gabriel Macaya Trejos
Jefferson Barros / 150	582 / Renato Janine Ribeiro
Jorge Brovetto / 164	590 / Rafael Guarga
Xico Stockinger / 174	598 / Anthony Garotinho
Alberto André / 182	598 / Ciro Gomes
Rodolfo Pinto da Luz / 192	598 / José Serra
José Saramago / 200	598 / Luís Inácio Lula da Silva
Carlos Alexandre Netto / 210	608 / Daniel Herz
Hugo Juri / 220	618 / Reitores
Ruy Carlos Ostermann / 232	626 / Dirigentes
Octavio Ianni / 244	636 / Sérgio Ferreira
Jader Nunes de Oliveira / 254	646 / Cristovam Buarque
Barbosa Lessa / 264	656 / Roberto Amaral
Roman Maiorga / 274	662 / João Luís Becker
Ubaldo Zuñiga / 282	662 / José Vicente Tavares dos Santos
Eva Sopher / 294	662 / Luís Fernando de Abreu Cybis
Miguel Rojas Mix / 304	662 / Renato Machado de Brito
Lauro Mohry / 314	672 / O que é a paz?
Jair Krischke / 324	684 / Paulo Vinentini
Gonçalo Guimarães / 336	692 / Sergio Rezende
Carlos Rodrigues Brandão / 346	700 / Reitores avaliam
Wrana Maria Panizzi / 356	encontro com Lula
Cida Moreyra / 368	708 / Marcel Bursztyn
Antônio Carlos Borges Cunha / 376	716 / Dilvo Ristoff
Luiz Miranda / 386	722 / Ana Lúcia Gazzola
Nelson Boeira / 386	730 / Zuenir Ventura
Tarso Genro / 402	738 / Ennio Candotti

Luiz Miranda



Nelson Boeira



Duas visões sobre o Fórum Social Mundial

Dois professores da UFRGS, Luiz Miranda, chefe do Departamento de Economia, e o filósofo Nelson Boeira, debatem sobre o Fórum Social Mundial sob pontos de vista diferentes. Aqui, o resultado de quase duas horas de conversa com Clóvis Ott e Juarez Fonseca, do JU, realizada em um dos estúdios da Rádio da Universidade.

JANEIRO/FEVEREIRO 2001 - EDIÇÃO N.º 37

Jornal da Universidade - Qual foi a importância do Fórum, o que houve de bom, o que houve de ruim?

Luiz Miranda - Começando pela importância. O que está havendo, em nível internacional, é uma junção de movimentos sociais de variada natureza e variada abrangência temática e geográfica que têm se manifestado, fundamentalmente, contrários àquilo que se poderia chamar de tentativa de instauração de uma nova ordem econômica, e vulgarmente é associada à chamada globalização, embora ache que a globalização esteja por demais vulgarizada e o sentido mais rigoroso do termo tenha se perdido. Essa nova ordem econômica se estrutura a partir dos interesses dos países envolvidos na consigna do comércio livre, assumindo-se como pressuposto que comércio livre é igual a comércio justo, e na verdade não é assim. Trata-se de estabelecer uma nova ordem econômica internacional onde os fluxos de mercadorias de capitais sejam liberados de maneira total sem nenhuma regulamentação, desestruturando a ordem econômica que emergiu da segunda Guerra Mundial, sob o capitalismo. Uma ordem econômica muito regulada e consertada, na qual as disparidades entre os países dos chamados primeiro e terceiro mundo eram bem menores do que são atualmente. Isto resultou, já em meados da década de 70, no início de um fenômeno novo que os economistas denominavam estagflação, ou seja: uma situação de estagnação econômica com baixa taxa de crescimento, associada à inflação. Este era um fenômeno que estava a exigir dos países do primeiro mundo a abertura de novos mercados. O colapso da economia do bloco soviético acompanhado dos colapsos social e político que se seguiram, permitiu o desencadeamento e a liberação das forças do primeiro mundo, associadas aos grandes blocos de capital. Estas, passaram a exercer pressão em nível internacional junto aos órgãos econômicos pós-Segunda Guerra, que regulavam a atividade econômica, como a Organização Mundial do Comércio, Banco Mundial, Banco de Reconstrução e Desenvolvimento, FMI e outros, para que houvesse uma nova configuração das relações econômicas internacionais, com a liberação total dos lucros de capital e de comércio, em nome de uma “racionalidade” econômica, teórica, abstrata e aplicada sem nenhuma consideração às especificidades históricas e às diferenças enquanto estruturas primitivas e sociais de uma maneira geral. Essa situação fez com que as economias do primeiro mundo começassem a substituir o que existia até meados da década de 50, 60: uma estrutura colonial que foi rompida, na segunda metade do Século 20. Eu chamaria de neocolônias, particularmente, os países da América Latina e os países africanos que passaram a se industrializar, assumindo condições de afirmar sua soberania. Alguns desses países foram capazes de propor e estabelecer um projeto nacional que, algumas vezes iam, inclusive, além fronteiras. Isto a que chamam de “nova ordem econômica internacional” arrebenta com tudo e coloca países como Burundi em igualdade com os Estados Unidos. Como se igualdade ou comércio livre pudesse haver entre as empresas de países completamente díspares. Seria um comércio adequado aos interesses de todos? Um sintoma disso a gente pode perceber na distância que existe entre a retórica e a prática das economias do primeiro mundo. Veja a economia do Estados Unidos, por exemplo: a retórica é a de comércio livre mas a prática é de comércio altamente controlado, regulado e bem acompanhado pelos órgãos governamentais norte-

-americanos. Ocorre a mesma coisa na Europa e no Japão. Isso não acontece apenas nas relações entre primeiro e terceiro mundo mas também entre os três blocos do primeiro mundo: o asiático, liderado pelo Japão, o norte-americano, liderado pelo Estados Unidos e Canadá, e, obviamente, de esfera imediata, o México e o bloco europeu, onde a Alemanha é a nação hegemônica. Todas essas questões, o grande aumento de produtividade das economias centrais, aquela viagem histórica do Bush pai ao Japão acompanhado dos presidentes das indústrias automobilísticas norte-americanas para solicitar ao Japão que “voluntariamente” reduzisse as suas exportações de veículos para os Estados Unidos. Claramente, os Estados Unidos estava sinalizando que não tinha condições de competir no mercado internacional. Até hoje os Estados Unidos têm um déficit comercial considerável. Porém, as condições de rolagem desse déficit não são problemáticas, por duas razões: uma, porque a moeda em que se expressa o déficit é emitida no próprio país devedor. Em outras palavras, os países credores não têm interesse em fazer movimento especulativo, desvalorização do dólar, porque isso significaria desvalorizar o seu próprio superávit. Em segundo lugar, esse déficit é financiado pelas remessas de serviço de capitais, pois grande parte das importações americanas são exportações que provêm de outros países mas a partir de produções de empresas de capitais norte-americanos nesses países. Uma empresa de capital norte-americano instalada na Europa, Ásia ou América Latina, exporta para os Estados Unidos. Nessa exportação, a mercadoria vinda da periferia, entra no Estados Unidos como importação e, eventualmente, vai fazer parte do déficit comercial. Porém a receita de exportação dessa empresa no exterior acaba refluindo para o mercado norte-americano, através do mercado de capitais.

Nelson Boeira - Tudo isso é um pano de fundo do Fórum.

Miranda - O resultado dessa situação toda é um empobrecimento acelerado do terceiro mundo. Com a destruição de economias nacionais, com a destruição de países, com a destruição social, a África deixou de existir. Hoje é apenas um conjunto de países nominalmente existentes. Uma sociedade com cerca 30% da população até 25 anos com Aids, uma estrutura de saúde absolutamente precária sob todos os aspectos. A inexistência de saneamento e a questão de saúde são distintas mas interligadas. Quando as duas estão em mau estado, como na situação africana, acabou.

Boeira - Estão em deterioração total e completa.

Miranda - É o retorno àquilo que se começava a falar na década 70: a barbárie. Estão colhendo na África o que foi plantado até agora. Já no Brasil, vivemos hoje uma situação curiosa: temos uma taxa de desemprego extremamente elevada e, se formos comparar com a taxa de desemprego na recessão norte-americana, estamos numa crise brutal, muito maior que ocorrida na época. Porém, nós temos desemprego, temos exclusão, marginalização crescente de pessoas com a economia com taxa de crescimento positiva. Em outras palavras, o circuito da reprodução do capital reduziu-se em termos relativos. Tem ainda mercados com altas rendas, mas rendas que foram em grande parte sugadas em relação a essa parte da população que ficou marginalizada. E isso atinge não apenas a população inculta e iletrada ou analfabeta, mas inclui inclusive um PhD desempregado. O fato de camadas médias intelectualizadas, com co-

nhecimento de história, de sociedade, estarem sofrendo desemprego, faz com que as pessoas se organizem para responder a uma situação que as ameaça e à sua sobrevivência física. É uma postura de autodefesa. É uma consciência que se passa a ter nos países no Primeiro Mundo. Ocorreu em Seattle contra a Organização Mundial de Genebra; ocorreu em Praga contra as políticas do FMI e ocorreu, agora, em Porto Alegre. Porto Alegre, de certa maneira, é a culminância de um grande número de eventos que vêm ocorrendo por todo mundo dos quais Seattle e Praga eram, até então, os mais representativos. Em Porto Alegre houve uma tentativa, e creio que bem-sucedida, de reunir as pessoas para refletir a respeito das questões que as estão afetando em todos os níveis, desde o econômico ao político, passando pelo plano das relações de gênero e das relativas ao do meio ambiente. Foi uma espécie de um sanguinato, de encontra-se. Não foi tão bem-sucedido sob o ponto de vista resolutivo, a meu ver. Porém, quando se diz não foi tão bem-sucedido, têm-se aí o pressuposto que haveria a necessidade de se ter uma posição clara, definida, uma rota de ação, uma declaração final.

Boeira - Gostaria de destacar, em primeiro lugar, que o Fórum é um fenômeno social complexo. O Miranda já chamou atenção para o fato de haver antecedentes importantes na história econômica mundial e social. O fato de que ocorra em Porto Alegre é incidental. E, num certo sentido (e não deve ser mal interpretado o que estou dizendo), totalmente irrelevante. Porque o fenômeno que desaguou no Fórum ultrapassa, em muito, o que acontece no Rio Grande do Sul. É por isso que se pensa em fazê-lo em outros lugares. Quero dizer que é preciso compreendê-lo como complexo e compreendê-lo como conectado mas, ao mesmo tempo, essencialmente, desconectado de nossa experiência particular. Ele é um fenômeno regional mas também internacional. Há pontos de contato entre essas duas coisas, que são de tipos muito variados, mas o principal é uma espécie de conexão de natureza político-partidária. O Fórum representa um esforço importante do governo do Estado e dos partidos que o compõem, principalmente o PT, de dar um pouco de nitidez às suas críticas e concepções em geral. Qual é a consequência do Fórum para essas concepções difíceis de avaliar? Outro ponto para o qual eu queria chamar atenção, elaborando esse aspecto de complexidade do Fórum, é para o fato de que ali estão representados forças, interesses e ideologias muito variadas e contraditórias. Já foi suficientemente explorado na imprensa que o José Bové representa interesses que colidem frontalmente com os de muitos grupos que estavam representados no Fórum. Não estou dizendo isso como crítica, mas como um simples fato. Em discursos de determinados grupos de ecologistas comparados com outros comentários de pessoas de orientação mais política e partidária, se vê também uma distância imensa. Então, esses grupos, e o Miranda disse bem, estão unidos pela oposição. São grupos de insatisfações variadas e de origem e fontes diversas, ao contrário do que, por razões retóricas inevitáveis, algumas das pessoas que falaram em nome do Fórum procuram fazer crer. Nada de extraordinário, sempre foi assim: as pessoas se unem por oposição a alguma coisa, e essas diferenças que existem entre elas aparecem posteriormente. Há um monte de exemplos históricos. Este é mais um caso e não é motivo para desfazer o acontecimento. O fato de que tenha se podido reunir aqui, sendo o

mundo tão grande e tão variado de interesses, forças e ideologias, é altamente positivo. Há várias razões para que as pessoas discutam entre si e percebam as suas diferenças, encontrem seus pontos de contato e avancem nas suas propostas a partir disso. E isso é particularmente importante para o Rio Grande do Sul, pela sua história cultural e política. O Rio Grande do Sul é tradicionalmente mal informado, com poucas ligações positivas do ponto de vista das discussões políticas, intelectuais, acadêmicas. No fundo, sou aquela pessoa que acha que as coisas vão melhorar. Melhoram um pouco. Mas ainda somos, comparados com outros estados do Brasil, muito fechados. Portanto, um Fórum dessa natureza, expõe a cidade, coloca as pessoas, a cultura, em contato com tanta gente, o que é muito positivo. Acho esse resultado cultural o mais positivo de todos.

JU - Porque o senhor considera o Rio Grande do Sul tão fechado assim?

Boeira - É notório que o Rio Grande do Sul tenha uma tradição dominante de política de centro para esquerda, ou centro-esquerda. As pessoas ligadas a esse ponto de vista são pessoas basicamente preocupadas com a ampliação da igualdade social e econômica. Nos últimos cem anos, mais especialmente nos últimos vinte anos, existe uma gigantesca literatura sobre isso. E ainda mais: nos últimos dez anos há uma discussão imensa a respeito de diferentes tipos de igualdade, e o que pode ser combinado com um regime ou com outro. É quando se pergunta a uma pessoa se ela é a favor da igualdade de resultados, da igualdade de oportunidades, da igualdade de bem-estar, da igualdade de capacidades. Isso para falar no plano das igualdades de natureza econômica. As características da igualdade política são diferentes da igualdade econômica. Mas há uma grande discussão sobre a igualdade totalmente ignorada num Estado que se auto-define politizado e preocupado com essas questões. Nada disso jamais é discutido, sequer mencionado. Problemas de participação política são considerados importantes aqui para o Estado. Não importa a posição política que tenha, a pessoa provavelmente falará bem da sua participação política. O que define, exatamente, participação política? Qual é a quantidade de informação para se dizer que se esteja realmente participando de políticas públicas. A minha preocupação é com o fato que nunca é feito um debate público. Debate público sempre foi sobre generalidades ou para a diabolização, demonização do adversário. Não há debate político com substância. Nesse sentido, o Estado não é politizado. Deste modo, vejo o Fórum como uma contribuição importante. Vamos torcer para que ele permaneça aqui, pelo menos, mais uma vez. Seria bom que alguma coisa o substituísse mais tarde com intenção de aumentar a quantidade de informação. Um traço da cultura do Rio Grande do Sul, há muitos anos, é uma tendência de começar de novo. As gerações políticas, culturais não acumulam. Há muita referência, por exemplo, a Alberto Pasqualini que, provavelmente, junto com Assis Brasil e Júlio de Castilhos, são os ideólogos políticos mais representativos. Mas muitas das coisas que eles disseram as pessoas não cansam de referir, sem saber muito bem o que propunham. Então, o Fórum é uma espécie de injeção de exterioridade, de informação. Não há problema que na primeira versão do Fórum, não tenha se produzido nenhum resultado. Não acho grave.

JU - Não faltou uma declaração final?

Boeira - Mas era impossível essa declaração final, em razão da diversidade de

interesses, forças, ideologias, e concepções. Houve falta de pontos de vista e de clareza quanto a uma solução. Não considero isso um problema muito grande.

JU - O Fórum não sabia o que queria, mas sabia o que não queria?

Miranda - Sabia o que queria, sim. O Fórum teve o caráter geral de um encontro de consciência, de informações, de experiências, inclusive quanto as formas de ação. Tudo foi partilhado.

JU - Qual foi o impacto do Fórum na vida política do Rio Grande do Sul?

Boeira - O Fórum foi marcado por um traço fortemente idealista ou utópico. Não há nenhum problema, desde que não permaneça nisto. Eu estava lendo no jornal uma carta do psicanalista Abraão Lavuski, comentando o Fórum. Ele diz o seguinte: "quem duvida que este evento poderá marcar a história mundial como o início de uma resposta política ou hegemônica pós-modernismo? Será um sonho? Talvez. Mas, convenhamos, é um belo sonho que, no futuro, o Fórum de Porto Alegre seja visto como algo que deu início a um processo de mudanças no mundo." Eu acho que, independente da simpatia pessoal que tenho pelo Abraão, isso expressa o sentimento que é capaz de aglutinar pessoas, mas não de resolver problemas. Acredito que nos futuros encontros, o Fórum tem que considerar essa dimensão de investigação, de reflexão, de proposição de políticas públicas. O Fórum tem também uma dimensão simbólica. As pessoas tem uma utopia, que é importante porque as mobiliza. Vejo as pessoas se juntarem para defender seus interesses como positivo. Mas há alguns acontecimentos simbólicos que me parecem muito discutíveis. E eles tiveram um impacto muito acima do que eu imaginava: a identificação de Cuba como uma democracia, a identificação de José Bové como libertário e o discurso extravagante da Hebe de Bonafini, no debate com Davos, que achei no limite da sanidade mental.

JU - O Fórum teve milhares de participantes. Realizou-se, simultaneamente, em várias salas. A questão dos aplausos a Cuba ou o caso Bové, que o senhor levanta, na verdade evidenciados ou "esquentados" pela imprensa, foram episódios dentro do Fórum. Mas a evidência desses episódios não se deve ao Fórum, mas ao um núcleo de pessoas e à abordagem que a imprensa fez disso.

Boeira - Eu não concordo que a imprensa tenha esquentado os aplausos generalizados a Cuba, ao presidente de um parlamento que não existe. Sobre isto as pessoas podem divergir razoavelmente. Não estou discutindo o direito das pessoas acharem que o parlamento cubano é o painel mais democrático do mundo. Estou dizendo que isto simboliza uma atitude política. Estava falando das características culturais e propositivas, genéricas. Há uma espécie de simbologia que a imprensa revelou. Ela existiu e foi reafirmada em toda oportunidade que houve. E isso tem consequências porque marcou. Porque o Fórum teve uma iluminação de investigação, de proposição, de aglutinação, de política, mas teve também um significado político-partidário. E essa simbologia colou na dimensão político-partidária que tem interesse no Rio Grande do Sul. Pode-se reunir 800 mil pessoas contra alguma coisa. Pode ser pela razão mais justa e correta. Mas, quanto mais indiferenciada for a razão pela qual o tipo de crítica é feita mais chances existem de juntar as pessoas. Quando se passa para o plano das proposições, começa a dividir. Não existe política pública que atenda a todo o mundo, por todo o tempo e em todas as condições. Ao mesmo tempo, quanto mais propositivo for o evento, mais conflito tende a criar e mais

as diferenças de concepções políticas entre participantes aparecerão. Querer imaginar que isso ganha força e nitidez na vida política do Rio Grande do Sul e não terá consequências, é ingênuo.

JU - Uma questão central do Fórum não são as diversidades de opiniões de formações, de desejos, de angústias, de necessidades das pessoas. Pode-se, sim, dizer que a questão central do Fórum seria um tipo de organização que garanta que o terceiro mundo, o Hemisfério Sul, tenha um peso equânime na discussão com o Hemisfério Norte. O objetivo, basicamente, é este: que os hemisfério se incluam.

Boeira - Acho que o ponto positivo do Fórum é mais do que esse. Porque esse tipo de reivindicação já existe há muito tempo.

JU - Mas agora há uma afirmação dessa posição...

Boeira - O Fórum é mais do que uma espécie de terceiro mundismo. Embora a simbologia possa, eventualmente, ter tido essa força. Reuniu pessoas com diferenças, que estão desagradadas com a estrutura econômica, social e política mundial de muitos países. Teve pessoas da Europa, Estados Unidos, Ásia, África. Foi muito mais do que uma questão de países pobres contra países ricos. Houve reivindicações importantes. Quero dizer que aqui há uma espécie de união de forças, de grupos e de interesses que podem vir a se soldar, mas que não são equivalentes à posição norte-sul.

JU - Ficou como chavão a referência aos países sub-desenvolvidos como Hemisfério Sul e países desenvolvidos como Hemisfério Norte. Porém, podemos dizer, por exemplo, que o sistema que vigora no Estados Unidos é diferente do sistema que vigora na França... e ambos os países são do Hemisfério Norte...

Boeira - Isso é uma coisa que eu ouço na Universidade como se fosse uma coisa ótima. O importante é o seguinte: os países europeus que têm uma social democracia mais ou menos avançada, estão integrados com os países capitalistas. O fato que haja, eventualmente, um discurso mais à esquerda, não faz desaparecer o capitalismo da França que, se não me engano, é o quarto país mais rico do mundo. Itália, Inglaterra, Alemanha, Suécia são países capitalistas. São países com estrutura econômica capitalista. Os Estados Unidos são um país capitalista dominante.

JU - Os Estados Unidos são hegemônicos, são os xerifes do mundo. No caso do Brasil, é um país que efetivamente controla a nossa economia e diz o que devemos ou não fazer. Agora, até o Canadá nos submete ao ridículo de enviar uma comissão para ver se o nosso gado é saudável ou não. Algum desses países permitiria que um brasileiro ou entidade brasileira fosse lá fiscalizar um produto que eles vendem para nós?

Miranda - Tem alguns pontos anteriores relativos ao Fórum em Porto Alegre: qual a relação com a política local? Eu penso que esse Fórum tem uma característica importante, não só de atividades de protesto em todo mundo, mas também por uma outra razão: os fóruns de Seattle e de Praga foram, especificamente, contra organizações internacionais, respectivamente, OMC e FMI. Aqui em Porto Alegre, não. Outra razão importante é que estes dois eventos anteriores foram em países do primeiro mundo, América do Norte e Europa. Aqui se faz pela primeira vez no terceiro mundo, o alvo maior da exclusão. O fato de que esse movimento se torne internacional é uma simples contrapartida do fato gerador da exclusão e do empobrecimento mundial. A nova ordem econômica internacional está produzindo riquezas, e está produzindo miséria, mais

que pobreza, em escala nunca vista e isto afeta também cidadãos do primeiro mundo. Como o Boeira se referiu, não se trata apenas de uma contradição entre países do primeiro e do terceiro mundo. Mas significa que a contradição se torna mais complexa e mais abrangente. Poderia até fazer uma espécie de referência analógica e dizer aquela frase do manifesto comunista: “proletários do mundo, uní-vos”. Agora seria “excluídos do mundo, uní-vos”. Porque não são apenas proletários. Tem camadas médias em países de primeiro mundo que estão excluídos e sem esperança de voltar à vida profissional e ao chamado mercado de trabalho. Uma outra característica importante é que não foi por acaso que o Fórum foi feito no Rio Grande do Sul. Certamente, não seria feito nas terras dos coronéis nordestinos, ou dos barões exportadores de São Paulo. Uma coisa é ter contato com o mundo, outra coisa é o tipo de contato que é feito. Fernando Collor, por exemplo, era o arauto da “modernidade” no Brasil, que se centrava no consumo, vendido por essa imprensa de quinta categoria que temos no país todo. Quer dizer, o tal de Collor, um coronelzinho nordestino, um novo chefe de gangue, era um sujeito que, da brilhantina à marca do sapato, passando pelo relógio e pela caneta, era um amontoado de *griffes*. A “modernidade” dos anos 90 foi trazida para o Brasil através dos meios de comunicação pelo lado do consumo. Como se pudéssemos desfrutar o mesmo consumo de um país de primeiro mundo ou como se pudéssemos abrir a nossa economia da maneira como foi feito. Essa idéia de “modernidade” teve continuidade, de uma maneira mais competente nos dois governos Fernando Henrique, que se seguiram ao de Collor. E não por acaso, nessas três eleições presidenciais seguidas, os dois Fernandos foram amplamente derrotados no Rio Grande do Sul,

JU - *O Rio Grande do Sul tem como uma característica ir contra o poder central desde o início de sua história...*

Miranda - Quando eu digo que o Rio Grande do Sul tem uma característica própria, que bom. Não é uma questão apenas de ser contra. A questão é que aqui no Rio Grande do Sul, e em Porto Alegre, isto é um fato político. As ONGs e os movimentos sociais pelo mundo afora, não jogaram uma roleta e escolheram entre dez cidades em qual podia cair a bolinha. O Fórum foi feito em Porto Alegre como resultado de um esforço de projeção política do governo da Frente Popular, em nível municipal e nível estadual, voltado ao exterior. E isso é um mérito muito grande. O Rio Grande do Sul, que sempre foi um Estado muito fechado em si mesmo, muito voltado para seu umbigo tem, pela primeira vez nesses governos (municipal e estadual), uma abertura para o mundo, reconhecendo que a possibilidade de ter sustentação política para um projeto próprio só poderia se constituir com apoio externo. E esse apoio externo, obviamente não seria buscado nos Estados Unidos, na América do Norte, com sua ideologia belicista e neoliberal. Também não seria buscado numa Inglaterra pós-Thatcher, onde a terceira via nunca disse a que veio. Então, há uma referência de apoio que é buscada na França, Itália e em alguns países da América Latina também. Há uma estrutura política que é a que detém o governo, eu não diria hegemônica ainda, mas uma estrutura política que tem os cargos executivos e que foi buscar no exterior o seu apoio. Grande parte do impulso inicial para se fazer aqui o Fórum em Porto Alegre, veio de uma ONG

chamada ATTAC, cuja fundação específica se deu em torno de um tema econômico de absoluta importância. Quando o ATTAC é constituído, se faz exatamente para coibir ou estabelecer restrições à exacerbação do movimento de fluxo de capitais internacionais, que são reconhecidos por diferentes correntes de economistas como um fenômeno capaz de desestabilizar as atividades econômicas em nível internacional. É um jornalista economista como Bernard Cassen que adota a idéia do Plano Tobin, da Taxa Tobin, e constitui uma organização, uma ONG, que se propõe a ser internacional, porque o fenômeno pela qual ela existe é internacional para ter um certo controle sobre movimentos especulativos de capital financeiros. Tobin, um Prêmio Nobel, certamente, não pode ser classificado como esquerdista. Cassen poderia ser classificado como um homem de esquerda. Mas esquerda num caráter social democrata, se tanto. Curiosamente, num dado que é esquecido, o próprio George Soros escreveu seu último livro exatamente a respeito da ameaça à ordem econômica internacional provocada pela liberação (ironia das ironias) das forças que levam à liberalização completa dos movimentos especulativos de capitais financeiros. E ele sabe muitíssimo bem do está falando. Ele foi o cara que arreventou em 2 bilhões de dólares o Banco da Inglaterra, prevendo e forçando a desvalorização da libra esterlina. Mas ele vive disso, e sabe que não pode matar a galinha dos ovos de ouro. Ele não tem compromisso ideológico. Entende muito sobre a direita que temos em todo mundo e o que representa um movimento como este Fórum. Soros também é contrário à liberação completa. Obviamente não estou dizendo que Soros, Tobin e Cassen são iguais. Os três participam do mesmo tipo de preocupação. É claro que o governo da Frente Popular do Rio Grande do Sul não vai buscar apoio em Soros. Vai buscar respaldo político naquelas áreas internacionais como o ATTAC, organizações internacionais, meios de comunicação. Obviamente é uma questão de estratégia de sobrevivência política do governo do Rio Grande do Sul buscar referências na imprensa internacional. E isso acontece com qualquer governo do mundo. O governo norte-americano, desde o executivo nacional passando pelos executivos estaduais e municipais, tem uma ligação profunda e um cuidado muito grande com o poder da imprensa. O que nós vemos em relação à Frente Popular é uma barragem de artilharia jamais vista na imprensa local, assumidamente monopólica, com interesses conhecidos, embora inconfessos a respeito da estrutura política do Estado. Não é um problema ter uma oposição ativa e forte. O problema é que ela foi e tem sido extremamente desonesta na sua ferocidade. Também não há problema em ser feroz. O problema, é a desonestidade desta ferocidade. Então, o Estado tem que buscar reforço externo. Por outro lado, ao fazê-lo, serve também como referência às instituições internacionais que têm possibilidades de fazer algo pela América Latina. Seria fácil fazer o Fórum em Havana. Mas seria marcado pelo que Havana ou Cuba são hoje. E, como o próprio Boeira colocou de maneira adequada, os movimentos dessas entidades, que ele não chamou, mas eu chamo, dos excluídos, têm muitas diferenças internas em relação à questão de Cuba a não ser como representação simbólica. Daí os aplausos. Porto Alegre se constitui numa referência de espaço político da mesma maneira que nós vemos a Grécia, a Ágora grega, como referência de uma concepção de democracia. Acho que temos em Porto Alegre, talvez um

pouco no sentido que o Abrãao referiu, a concepção de que aqui houve o encontro de interesses que, apesar de terem contradições internas têm, certamente, alguns pontos em comum. O mais importante parece ser a postura de que não se aceita regras impostas pelo interesse do capital internacional. Não se trata de ser contra o capitalismo, mas se trata de ser contrário ao caráter imperialista, neo-colonialista, das formas de hegemonia sobre as atividades produtivas do capital financeiro. Não se pôs em cheque aqui o capitalismo, embora houvesse críticas acerbas e irreduzíveis ao sistema. Meu problema não é o capitalismo, mas as deformações do capitalismo. Que sejam pessoas e entidades que organizem suas diferenças internas, não tem problema nenhum. Há problemas entre as concepções das lideranças econômicas e políticas japonesas, francesas, norte-americanas, alemãs, canadenses, etc. Nós temos diferenças? Então vamos nos reunir para tratar das diferenças. É este o sentido de uma reunião do G 7, ou do G8. A mesma coisa ocorre aqui. Mas como é pela primeira vez, fica uma coisa mais heterogênea, uma situação multiforme sob o ponto de vista de quem não tem poder, a não ser o da opinião. O poder moral e político que nos permite dizer “nós, os excluídos”. Estamos excluídos dos frutos do crescimento econômico, da produtividade, da qualidade de vida (porque há um empestamento do meio ambiente). Estamos cada vez mais excluídos das condições mínimas de nos alimentarmos, morarmos, de nos transportar, de ter um lazer, inclusive. Então, as pessoas se reúnem para discutir isso. Curiosamente, não há quem dê uma resposta. É uma visão tecnocrática, burocrática, elitista e intelectualóide de quinta categoria, esta de que se pode reunir um grupo de cinco ou dez cabeças iluminadas para tratar dos problemas que afetam os excluídos e traçar um projeto. É impossível. No Brasil se faz muito disso. No Brasil se faz programas contra pobreza, programas contra a exploração infantil, contra doenças, tudo em nome dos “interesses maiores”. São todos programas tecnocratas que nunca vão vingam, porque não têm a participação dos excluídos. Em grande parte esta postura se baseia em “o poder ajudará.” Obviamente, não será o poder que vai organizar essa nova ordem econômica, mas também não está se aceitando, apesar dos pesares, a “ajuda” do governo do Estado, do município. Não se trata disso. O que se tem é a identificação de um parceiro, no sentido de que aí chega-se a construir uma resposta. É o construir no próprio sentido semântico, não aleatório. Construir com referência *piagetiana*. Não é por acaso, que se trata de ter a participação dos atores na consciência de seus problemas e na construção do encaminhamento das formas de organização. Isto é extremamente difícil. Inclusive, se a gente ver a literatura internacional a respeito de formas de organização empresarial, encontra estudos clássicos a respeito da empresa norte-americana e da empresa japonesa. A empresa norte-americana, por definição, é uma empresa rápida na sua tomada de decisões, devido à sua forma organização, de estruturação, das relações hierárquicas, das formas de tomada de decisões. A empresa norte-americana também é aquela que tem, em média, uma alta taxa de mortalidade. A japonesa é uma empresa onde as decisões são tomadas de maneira muito mais lenta, porque afasta a integração de diferentes níveis de hierarquia e de funções de atividades, discute até à exaustão e, quando toma a decisão, todos os participantes, em todos os níveis, em todos os setores, sabem

a que se destina, o significado daquilo que está sendo feito e qual o papel que cada um vai ter na execução do negócio. E integra produção, financiamento e comercialização. Nada fica a descoberto. Uma empresa norte-americana pode fazer uma belíssima inovação tecnológica, sair para o mercado e, de repente, se ferra porque não tem sustentação financeira, não tem divulgação comercial ou coisa parecida. Quando vejo as críticas ao Fórum sobre ter reunido muita gente heterogênea, sobre não ter chegado a nenhuma conclusão, pergunto: e então, não serviu para nada? É uma idéia de profunda incompreensão do sentido essencial para este fenômeno e revela também uma postura elitista e tecnocrata. Acho que há uma marca a partir deste primeiro Fórum que é refletir sobre aquilo que o tornou eficiente. Teve uma série de documentos finais, setoriais, que deverão ser analisados, avaliados, costurados, interligados e, suponho, o 2º Fórum Social Mundial já está sendo organizado com base nas reflexões de agora.

Boeira - Queria fazer uma série de comentários. Há algumas observações do Miranda com as quais concordo, outras não. Mas acho que ele fez uma muito engenhosa transposição do manifesto comunista para os dias de hoje. O trato do argumento, essa noção dos excluídos, é uma espécie de reconstrução do argumento do manifesto comunista para as condições atuais. Veja o que me parece positivo e negativo em relação ao Fórum. Positivo: discussão, variedades de opiniões, organização de pessoas que tem uma opinião, reivindicações que podem, pelo menos, serem aglutinadas, e a exposição do Rio Grande do Sul de forma internacional. Negativo: uma das dificuldades que vejo não é com o Fórum mas com um certo tipo de crítica gigantesca, generalizada, sobre mazelas da organização econômica e política mundial. Não é a crítica, porque estas mazelas existem, mas acho que essas críticas são genéricas. Outros defeitos que achei no Fórum: ter muitos participantes e a facilidade com que se fez críticas genéricas ao se descrever países, economias e instituições como se fossem uniformes, como se todas pensassem da mesma forma, agissem da mesma maneira. Qualquer pessoa que visite o site do Banco Mundial verá que há uma quantidade muito grande de projetos importantes, inclusive utilizados aqui no Rio Grande do Sul. Isso não torna o Banco Mundial inocente de algumas críticas que possam ser feitas. Críticas ao capitalismo, como o Miranda disse muito bem, existem no próprio capitalismo. Isto é um traço dele desde que surgiu. Uma das características do capitalismo é criticar-se constantemente no plano econômico e cultural. Isso não o exíime, de jeito nenhum, dos seus defeitos. Mostra que a crítica tem que reconhecer uma imensa diversidade de opiniões que existem dentro dele. A análise histórica requer o reconhecimento de todas as diferenças e variedades. No Fórum estão representadas três posturas: pessoas que não têm uma posição visceralmente contra o mercado, pessoas que querem corrigir o mercado e pessoas que querem suprimir o mercado. A demonstração de que alguma coisa seja cheia de defeitos não quer dizer que a sua destruição produzirá a solução dos problemas. Por exemplo: o mercado é péssimo instrumento de distribuição, mas é um bom sistema de estabelecimento de identificação de preferências. O mercado tem dez aspectos diferentes, não é uma única coisa. Uma crítica que faço é que um traço do pensamento utópico, em geral, é de desestoricizar a crítica. Não acho que esse problema seja inso-

lúvel, mas é um problema. Se as pessoas querem realmente resolver as coisas, precisam pensar historicamente e não abstrata e ahistoricamente. E acho que muitas dessas críticas são ahistóricas e genéricas. O segundo problema da crítica é uma espécie de vertente subterrânea que existe, uma espécie de atribuição de desonestidade e má intenção a qualquer pessoa que não esteja do meu lado. Isso é uma coisa muito comum. As críticas tem que ser tornar mais precisas e específicas. Neoliberalismo, globalização, ninguém sabe o que isso quer dizer. Só têm tido sentido como palavras de abuso, com valor retórico e político mas sem valor cognitivo. Para resolver problemas concretos precisamos chegar às soluções com valor cognitivo. Vamos esperar as publicações do encontro. O Miranda disse muito bem que o Fórum tem um significado político, importante para o governo do Estado, mas é importante que esse fato pode representar uma fuga para a frente. O PT galgou várias escalas da administração pública. Na medida em que se passa para uma escala maior, o problema se torna maior. Quando chega ao Estado a escala dos problemas começa a ficar muito grande e aí há uma colisão com o discurso anterior. O problema para encontrar uma solução política para problemas ação, é muito sério. É uma espécie de problema que o Fórum injetou na política do Rio Grande do Sul. Porque as políticas do governo do Estado são, quando muito, políticas sociais-democratas. O problema seguinte é que essas políticas vêm acompanhadas de retórica, utopia, idealização, transformação total. O Fórum potencializou isso ao máximo porque se apresentou como um acontecimento político. Pode representar uma fuga para frente, porque tem um espécie de desculpa para não enfrentar os problemas. Outro resultado do Fórum é o seguinte: queriam parasitar a cultura do Rio Grande do Sul. A estrutura social do Rio Grande do Sul é uma estrutura essencialmente conservadora. O Rio Grande do Sul, talvez possa dizer que, entre os estados do Brasil, foi o que desenvolveu mais precocemente, com a classe média, se estratificando mais rapidamente. O Rio Grande do Sul é essencialmente conservador, politicamente de centro esquerda, e as pessoas tem uma concepção potencialmente social-democrata. O Fórum potencializa o conflito entre o discurso da esquerda revolucionária e de transformação global da sociedade e as práticas que são eleitoralmente governamentais, que eleitas são bem sucedidas. A solução para esse problema tem sido até agora potencializar e radicalizar o discurso político, tornar o discurso político e a participação política o centro da avaliação dos resultados das atividades governamentais. Isso não pode ser levado indefinidamente. Alterar os quadros dessa cultura não depende só de discurso. Supõe uma alteração das estruturas dessa sociedade. E aí se encontra a resistência consolidada que o Rio Grande do Sul tem, que pode reagir contra uma solução muito modernizante, mas também pode reagir contra uma solução que não seja antimodernizante ou coisa do gênero. O Fórum tem significados políticos importantes para o Rio Grande do Sul: tornar viva a disputa entre governo e oposição e, dentro do próprio governo, a oposição entre política social-democrata e discurso revolucionário.

Miranda - Há um outro significado em relação ao Fórum: primeiro, tem que se ver o seu sentido geral e, depois, chegar aos desdobramentos concretos. Sob um ponto de vista bem geral, a humanidade conheceu a cultura ocidental que deixou uma marca decisiva na sua história: a Idade Média, a Pré -Idade

Média e o que se segue com o Iluminismo. O Iluminismo marca a ruptura com a hegemonia da razão teológica, organizando a própria vida material. É sob o Iluminismo que o capitalismo se desenvolve, que os mercados amadurecem, constituindo novas relações mercantis, aumentando a sua abrangência. O capitalismo, enquanto forma de organização material da atividade produtiva, da distribuição, e da própria relação da sociedade civil, corre paralelo e contraditoriamente com sua própria visão da centralidade do ser humano. Eu diria que 2000 e o terceiro milênio trazem consigo uma ameaça: a possibilidade de uma nova forma de ver a existência humana e social. Não é mais o ser humano, entendido na visão iluminista, a razão de ser da própria atividade econômica. Ou seja, o homem deixa de ser cidadão, mas passa a ser importante enquanto disponibilidade de força de trabalho, troca com o consumidor. E se troca o espaço da sociabilidade humana. Querem suprimi-la. Temos que decidir o que fazer com isso e dizer não à tentativa de evitar essa discussão, que aconselha a varrer o assunto para baixo do tapete. Isso virá à tona. Ainda mais num Estado como o Rio Grande do Sul.

Boeira - O Fórum foi organizado para obter legitimação pública para o governo do Estado. O Miranda explicou isso bem. Disse com todas as letras, quais as intenções, e isto está claro. Tem um objetivo político-partidário de consolidação das forças que formam o governo. Isso imprime uma certa lógica ao Fórum. Exemplo: evitar a discussão de certos temas controversos. Introduce, portanto, algum tipo de limite ao que pode ser dito, ao que pode ser discutido, sob pena de produzir implosão. Os excluídos se excluíam do bando dos excluídos, e assim por diante. Também acho que as referências sistemáticas ao suposto pensamento único (suposto, porque não existe) daqueles grupos, é uma formação reativa. Como se diz em psicanálise, é uma espécie de projeção. Porque, na verdade, a necessidade de legitimação política e unificação das pessoas propôs a predominância do discurso político retórico. Então, aí há um problema que eu diria moral. Porque não se pode acusar os outros de pensamento único pois isso não ocorre. Isto produz uma estratégia interna de ocultamento porque está ligada a essa história da legitimação política e aglutinação de forças. Quer dizer: o vetor político domina o vetor propositivo. Isto pode ser combinado – não estou negando que possa haver combinações, soluções aqui ou ali. Mas o que estou querendo dizer, do ponto de vista da análise, é que isto é uma fonte de conflito potencial que terá que ser enfrentada. Há um notório conflito sob o ponto de vista político, entre os organizadores do Fórum, entre aqueles que seriam representantes do iluminismo (ou de uma nova versão do iluminismo, isto é, de um pensamento laico, racional) e um grande número de pessoas que pensam segundo um registro de pensamento religioso ou moralizante. Muitas vezes, as críticas têm um sentido moral contra as pessoas. Frequentemente, os argumentos são utópicos, no sentido moral da palavra. A avaliação moral que se faz das políticas públicas está se tornando menos iluminista e cada vez mais moralista religiosa, e às vezes fundamentalista. Por fim, eu queria dizer de que, dito tudo isto, o Fórum, só pode trazer benefícios para o Rio Grande do Sul. Quais serão suas conseqüências? Difícil de determinar, não tem como prever. Eu quis apenas chamar a atenção sobre certos movimentos e certas forças que vão acabar se expressando, necessariamente, mais dia menos dia,

e que são conflitantes: alguns são técnicos, outros morais, outros políticos, e assim por diante. Mas virão à tona. Agora, dizer que caminhará numa direção ou noutra ou como a sociedade do Rio Grande do Sul reagirá aos desdobramentos do Fórum e como isto afetará a ideologia e o comportamento político e administrativo do governo do Estado e das oposições, não tem como prever. Mas acho que tudo o que torna as relações sociais mais claras e que, mesmo produzindo conflitos, permite que as pessoas compreendam melhor quais são as suas alternativas e as direções que sua vida pode tomar, acho muito bom. Sob esse ponto de vista foi muito positivo. Negativo, acho que foi o fundo de crítica generalizada – às vezes cega – e este moralismo subjacente que houve.